



**Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Visuais**

# **Decomposição e a imortalidade da matéria**

**Ana Beatriz Pimenta Felizatto**

**Brasília  
2019**

**PROGRAMA DE GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS DA UNIVERSIDADE DE  
BRASÍLIA - UnB**

**ANA BEATRIZ PIMENTA FELIZATTO**

**DECOMPOSIÇÃO E A IMORTALIDADE DA MATÉRIA**

**Artes Visuais do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília como  
requisito parcial para obtenção do  
título de Bacharelado em Artes  
Plásticas.**

**Orientador (a): Profa. Dra. Andrea  
Campos de Sá**

**Brasília, 2019**

Artigo de autoria de Ana Beatriz Felizatto, intitulado “DECOMPOSIÇÃO E A IMORTALIDADE DA MATÉRIA”, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Artes, da Universidade de Brasília, em 12 de julho de 2019, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

---

**Profa. Dra. Andrea Campos de Sá**  
**Orientadora**  
**Universidade de Brasília – UnB**

---

**Prof. Dr. César Flores Becker**  
**Examinador (a)**  
**Universidade de Brasília – UnB**

---

**Profa. Dra. Raquel Nava**  
**Examinador (a)**  
**Universidade de Brasília – UnB**

**Brasília, 2019**

*Dedico este trabalho a todas as plantas  
que irão crescer sobre meu caixão.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos meus pais, por sempre encorajarem meus interesses, por mais estranhos que sejam.*

*À minha querida orientadora Profa. Dra. Andrea Campos de Sá pelo apoio e aconselhamento.*

*Ao professor Dr. César Leão, pelo ensino, pela paciência e confiança; este trabalho não teria sido possível sem a sua ajuda.*

*Aos meus amigos, os maiores agradecimentos por estarem comigo em todos os passos do caminho, sem vocês eu não estaria aqui.*

*“Do meu corpo decomposto, flores irão crescer, e eu estarei nelas, isto é a eternidade.”*

**-Edvard Munch**

## RESUMO

Este trabalho se configura como uma pesquisa artística e filosófica sobre a decomposição e o ciclo natural da matéria orgânica. Procura-se, por meio deste estudo, explorar os conceitos de renascimento e mortalidade por duas perspectivas distintas; a científica e a filósofo-religiosa, de modo a comparar seus pontos de vista e exemplificar suas similaridades. Esta pesquisa foi realizada de modo a apoiar o desenvolvimento conceitual de um trabalho escultórico, tanto quanto a motivar futuras pesquisas de cunho artístico sobre o assunto.

**Palavras-Chave:** Morte. Decomposição. Renascimento. Imortalidade. Escultura. Natureza.

## ABSTRACT

This work consists of an artistic and philosophical research into decomposition and the natural cycle of organic matter. The purpose of this study is to explore the concepts of rebirth and mortality through two distinct perspectives; the scientific outlook and the philosophical/religious outlook, in order to compare their points of view and exemplify their similarities. This research was fulfilled as to support the conceptual development of a sculptural project, as well as to encourage further artistic exploration into this subject.

**Keywords:** Death. Decomposition. Rebirth. Immortality. Sculpture. Nature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Fig.1-** Biologia César e Sezar Vol.1. Ciclo do Carbono. 2011. Disponível em <<https://www.vivendociencias.com.br/2008/11/ciclo-do-carbono.html>>

Acesso em: 14 jun. 2018.

**Fig.2-** Rogério da Silva Rosa. Diagrama de fluxo de matéria entre os seres vivos. Importância da compreensão dos ciclos biogeoquímicos para o desenvolvimento sustentável. 2003. Disponível em:

<<http://www.iqsc.usp.br/iqsc/servidores/docentes/pessoal/mrezende/arquivos/EDUC-AMB-Ciclos-Biogeoquimicos.pdf>> Acesso em: 22 jun.2018.

**Fig.3-** Xilogravura de Brasileiros nativos da obra "Hans Staden: A Verdadeira História do seu cativo" (orig.1557). Disponível em: <<https://tokdehistoria.com.br/2014/10/26/hans-staden-e-a-historia-de-um-dos-primeiros-livros-sobre-o-brasil/>> Acesso em: 23 jun.2018.

**Fig.4-** Joan Miró, Object,1936. Disponível em <<https://www.moma.org/collection/works/81915>> Acesso em: 18 de nov.2017

**Fig.5-** Rod Mcrae, Crying Out Loud in the Age of Stupid. 2010. Disponível em < <http://www.rodmcrae.com.au/polarbear.html>> Acesso em: 17 de nov.2017

**Fig.6-** Katie Innamorato. Moss fox. 2014. Disponível em <<http://www.afterlifeanatomy.com/new-gallery/>> Acesso em 26 jun.2018

**Fig.7-** Katie Innamorato. Cannulated Deer Terrarium. 2014. Disponível em <<http://www.afterlifeanatomy.com/new-gallery/>> Acesso em 26 jun.2018

**Fig.8-9-** Ana Beatriz Felizatto. Fotos processuais, 2018, fonte autoral.

**Fig.10-14-** Ana Beatriz Felizatto. Nekhbet. 2018, fonte autoral.

**Fig.15-16-** Ana Beatriz Felizatto. Fotos processuais, 2019, fonte autoral.

**Fig.17-20-** Ana Beatriz Felizatto. Ossuário. 2019, fonte autoral.

**Fig.21-22-** Ana Beatriz Felizatto. Berço. 2019, fonte autoral.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1.0 A CIÊNCIA DA DECOMPOSIÇÃO .....	11
2.0 CULTURAS, RELIGIÕES E REENCARNAÇÃO .....	12
2.1 TUPINANBÁS E A ANTROPOFAGIA RITUALÍSTICA.....	13
2.2 RELIGIÕES E REENCARNAÇÃO.....	15
3.0 EDVARD MUNCH E O MANIFESTO ST. CLOUD .....	16
4.0 TAXIDERMIA ROGUE E INFLUÊNCIAS ARTÍSTICAS.....	17
5.0 Produção poética.....	23
5.1 NEKHBET .....	23
6.0 OSSUÁRIO.....	28
7.0 BERÇO .....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

## INTRODUÇÃO

A intenção deste trabalho é de despertar reflexões acerca dos conceitos de morte e de decomposição, e enquanto discutindo tais conceitos, explorar as conexões entre a vida e a morte dentro do ciclo da matéria orgânica. É importante para o entendimento do assunto principal, um equilíbrio dos argumentos científicos sobre a decomposição e os argumentos filosófico-religiosos. Coloca-se desta maneira, que grande parte dos conceitos e ideais humanos relacionados à morte são de cunho religioso, especialmente quando se diz a respeito da imortalidade ou mais especificamente da reencarnação. Logo, mesmo não desejando focar em aspectos religiosos, a influência deste aspecto no pensamento humano sobre a mortalidade não pode ser ignorado.

A morte é um destino inescapável, todas as formas de vida devem perecer eventualmente, e neste processo, a decomposição é inevitável, isto é, o dito processo ocorrer naturalmente. O curso natural do corpo, seja planta ou animal, é o de se decompor e tornar-se alimento para outra forma de vida, seja por meio do consumo direto (como alimento de outro animal) ou pela transformação e absorção de seus nutrientes decompostos (como adubo). Desta maneira, a forma orgânica falecida se torna parte de uma nova forma orgânica viva, continuando, de certa forma, a viver por meio desta, até que ela morra, e o ciclo continue.

A transformação da matéria orgânica, em todas suas formas naturais, é um feito biológico intrincado e perfeito, existe perfeição e renascimento no processo de decomposição. Infelizmente estes aspectos nobres são em sua maioria, ignorados pelo aspecto desagradável e trágico que o conceito da morte carrega. Este artigo procura projetar, por meio de seus argumentos e trabalhos artísticos, a beleza ignorada dentro da morte e da decomposição.

## 1.0 A CIÊNCIA DA DECOMPOSIÇÃO

O ciclo da matéria (fig.1), também chamado de ciclo biogeoquímico, é o nome dado aos processos naturais de reciclagem dos elementos orgânicos ou minerais. Estes processos consistem da passagem destes elementos por um meio ambiente (na forma de componentes físico-químicos) para organismos vivos (animais, humanos e plantas) e dos organismos novamente para o meio. (ROSA, 2003).

Ciclo do Carbono Ilustrado

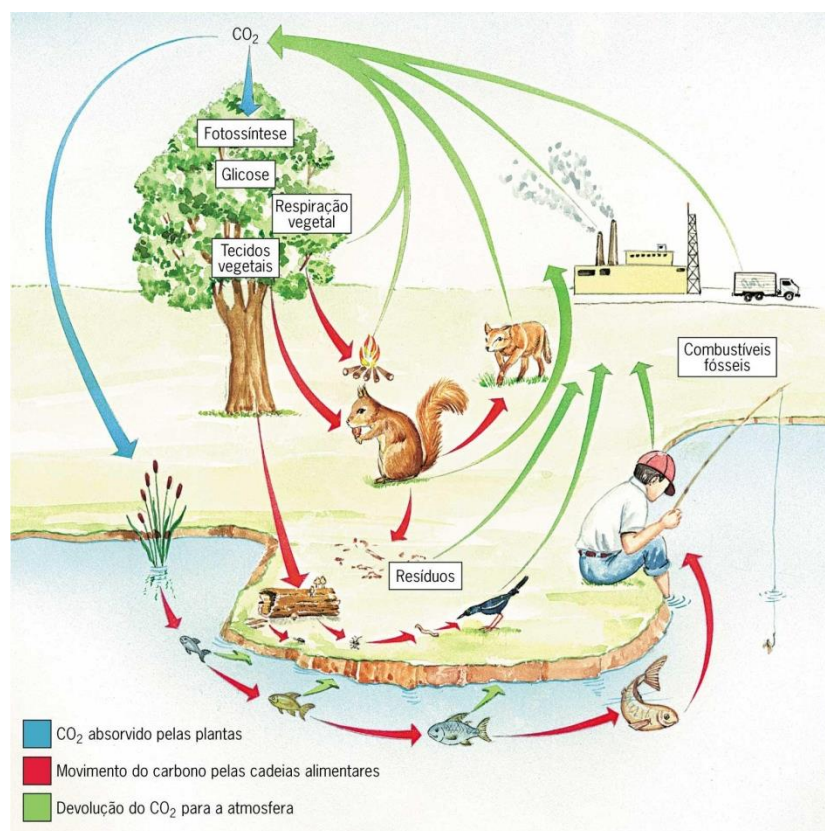


Fig.1 Fonte: Biologia César e Sezar. Vol.1(2011).

Exemplificado na imagem acima, vemos que os organismos produtores – as plantas – processam a luz solar e os componentes físico-químicos encontrados no solo, de modo a produzirem os nutrientes necessários para se alimentarem. Os animais herbívoros, por outro lado, são organismos que são incapazes de produzir o próprio alimento, portanto consomem os nutrientes necessários por meio das plantas quando se alimentam delas. Enquanto isso, os animais carnívoros, sem a capacidade de absorver estes nutrientes pelas plantas, processam estes quando consomem outros animais.

Quando quaisquer destes seres vivos morrem a matéria orgânica que os compõem é absorvida, decomposta e devolvida ao meio pelos organismos decompositores (fungos e bactérias), e desta forma voltam ao solo e podem ser reaproveitados novamente. (ROSA, 2003)

Diagrama de fluxo de matéria entre os seres vivos



Fig.2 Fonte: Ciclos Biogeoquímicos e Desenvolvimento Sustentável (2003).

Estes ciclos são indispensáveis para a existência contínua da vida na terra. Devemos ressaltar que todos os recursos presentes do planeta são finitos, os ciclos biogeoquímicos são o que mantém com que a vida, em todas suas formas, e impede nossos recursos de se esgotarem.

Esta cadeia de decomposição e o reaproveitamento da matéria orgânica têm sido a base da vida terrestre por milhares de anos, e sem ela dificilmente os seres vivos teriam sobrevivido ou evoluído ao longo do tempo. Desta forma, podemos compreender que os nutrientes e substâncias que compõem nosso corpo, e todos os outros corpos vivos, estão conectados por meio de milhares de anos de morte, decomposição e reconstrução. Neste sentido, partes de nossa composição física já viveram uma quantidade incontável de vidas e mortes, antes de finalmente se tornarem nosso corpo, e quando chegarmos a falecer, o ciclo continuará.

## 2.0 CULTURAS, RELIGIÕES E REENCARNAÇÃO

Existem múltiplas culturas e religiões que apresentam alguma referência, ritual ou parte de sua crença baseada no conceito de reencarnação ou renascimento. Historicamente, o homem é fascinado com a própria mortalidade, e tem procurado descobrir ou definir os mistérios do pós-morte, o meio mais antigo de exploração

deste questionamento tem sido a religião. Neste capítulo vamos explorar algumas culturas e suas diferentes abordagens sobre o conceito da reencarnação.

## 2.1 TUPINANBÁS E A ANTROPOFAGIA RITUALÍSTICA

No século XVI, nos primórdios da colonização Brasileira, os missionários Europeus vivenciavam seus primeiros contatos com o povo nativo, os Tupinambás. Os Portugueses, desde suas primeiras experiências de convívio com os índios, os viam como criaturas animais e não civilizadas, um povo selvagem, pagão, que necessitava da intervenção dos homens europeus para sua “educação”. Esta visão já era estabelecida muito antes da descoberta dos rituais antropofágicos dos índios Tupis, porém, depois do testemunho dos colonizadores, a imagem do nativo selvagem e bestial ficou ainda mais clara e mais documentada, tanto em ilustrações, quanto em diários e cartas escritas na época.

*Tupinambás em ritual de canibalismo- Hans Staden (1557)*



Fig.3 Fonte: <https://tokdehistoria.com.br> (2018)

“*an·tro·po·fa·gi·a*, (francês antropophagie), substantivo feminino - Qualidade ou hábito de pessoa ou de grupo humano que come carne humana”. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

A verdade por trás destes rituais canibais, porém, é muito menos “selvagem” que a percepção do homem europeu poderia entender. A prática antropofágica não ocorria por simples motivos de fome ou nutrição, esta possuía uma série de importantes significados culturais de sacrifício, de honra, apreciação, e da passagem de características valorizadas do morto aos vivos, por meio do alimento.

Nos casos dos prisioneiros de guerra, a prática era parte principal dos rituais de execução ritualística, desde o momento de captura, os prisioneiros mostravam uma dócil aceitação de seu destino, o guerreiro capturado sentiria honra em sua morte, pois ela seria nobre, e consagraria sua participação na guerra. (AGNOLIN, 2002).

E não pensem que o prisioneiro se abale por causa dessas notícias [de ser devorado em breve], tem-se a opinião de que sua morte é honrosa, e que lhe vale muito melhor morrer assim, do que em sua casa por causa de uma morte contagiosa qualquer: porque, dizem eles, não se pode vingar a morte, que ofende e mata os homens, mas se pode muito bem vingar aquele que foi morto e massacrado em proeza de guerra. (THEVET apud AGNOLIN, 2002).

O prisioneiro, quando chegada sua hora de morte, gritava elogios a sua pessoa, e dizia que já estava vingado de quem o haveria de matar. Pois, sua morte seria a vingança dos prisioneiros que ele havia consumido, e seria vingado pelos seus parentes vivos, que se alimentariam da tribo que o matou. (AGNOLIN, 2002).

Assim pode-se fazer uma conexão clara deste ciclo de rituais indígenas com o próprio ciclo da matéria orgânica, na medida em que os nativos compreendiam a assimilação da matéria (carne) do outro em seu próprio corpo, e já previa a futura assimilação que seus parceiros teriam, quando consumissem a carne do inimigo no ato da vingança.

Na visão cultural dos Tupinambás, o sacrificio era não só uma ferramenta de vingança, mas também uma maneira de assimilar as forças e boas qualidades do prisioneiro, por meio da ingestão de sua carne. A alimentação da carne do guerreiro iria prover a tribo, não só com todas as qualidades que o homem teve em vida, mas também com as qualidades de quem o morto teria canibalizado.

Os rituais antropofágicos dos Tupinambás nos mostram uma visão complexa dos conceitos de vida e morte, que conecta claramente aspectos religiosos com conceitos científicos. A alimentação é a absorção e a assimilação de um ser vivo

para outro, para os nativos, seria também uma imortalização cíclica da alma e do corpo de guerreiros nobres, para que suas qualidades e sacrifício fossem honrados por gerações.

## 2.2 RELIGIÕES E REENCARNAÇÃO

O conceito de reencarnação é algo que pode ser identificado em uma ampla variedade de culturas e religiões pela história do desenvolvimento humano. Desde o antigo Egito, a Grécia, até em certas tradições judaica, e em religiões pagãs como o Druidismo. No Brasil, encontramos o Espiritismo, o movimento *Hare Krishna*, e o Rosacruzianismo. No oriente, encontramos o Budismo, o Taoísmo, e o Hinduísmo, onde a reencarnação é uma crença especialmente importante. (CAVALCANTE; GNERRE, 2014).

Utilizando como base o artigo “*Transmigração da alma e reencarnação*”, de Paulo Cavalcante e Maria Lucia Gnerre, é possível fazer uma análise, de como os conceitos de reencarnação são desenvolvidos na religião, e comparar as similaridades estes conceitos em duas culturas religiosas diferentes, neste caso, o hinduísmo e o espiritismo.

No hinduísmo, de acordo com o livro Bhagavad-gita (Livro de ensinamentos espirituais hindus), a alma é algo que sempre existiu e sempre existirá, seguindo o mesmo caminho que a matéria física da terra, a alma se transforma e reencarna múltiplas vezes, sem nunca deixar de existir. Nesse sentido, a alma segue o mesmo princípio de sobrevivência de toda matéria física da terra.

A alma não tem nascimento, ela é eterna, perpétua, primordial (BHAGAVAD-GITA II. 20).

Nunca houve um tempo em que Eu não existisse, nem tu, nem todos esses reis; e no futuro nenhum de nós deixará de existir (BHAGAVAD-GITA II. 12).

No Espiritismo, também se acredita que os espíritos existem a deveras milhares de anos, e que se transformam e renascem. Porém, neste caso, eles tiveram uma origem, não se sabe quando exatamente foi esta origem, mas se acredita que tiveram um princípio, e que este foi iniciado por Deus.

Os Espíritos tiveram princípio ou existem, como Deus, de toda a eternidade? Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, ao passo que são criação sua e se acham submetidos á sua vontade. Deus existe de toda a eternidade, é incontestável; quanto, porém, ao modo como ele nos criou nada sabemos. Podes dizer que não tivemos princípio se por isto

entenderes que, sendo eterno, Deus há de ter criado incessantemente. Mas, quando e como Ele criou cada um de nós, eu te repito, ninguém o sabe: eis o mistério ( KARDEC, 2007, p.118).

Mesmo com esta diferença, são notáveis as similaridades entre as religiões, a continuidade da alma, que sobrevive a decomposição e morte do corpo, é tratada da mesma maneira. A alma seria então imortal e intocada, somente transitando entre formas físicas.

Verificamos concordância no tocante à continuidade da vida após a morte “Chamamos alma ao ser imaterial e individual que reside em nós e sobrevive ao corpo” (KARDEC, 2007, p.25). No Bhagavad-gita encontramos a assertiva que contribui com esta ideia “Saiba que aquilo que penetra o corpo inteiro é indestrutível. Ninguém é capaz de estruir a alma imperecível” (BHAGAVAD-GITA II. 17) (CAVALCANTE; GNERRE, 2014).

Evidentemente, para ambas as religiões, a alma mudaria de corpo, quando este corpo se tornasse incapaz de ser habitável. Nossos corpos são casas temporárias, que perecem, obrigando nosso espírito a deixar sua “concha” e a procurar uma nova. Se relembrarmos o ciclo da matéria, quando um corpo orgânico falece, este é dissolvido e redistribuído em suas formas iniciais (compostos físico-químicos), para o meio, e depois é reaproveitado.

Logo, é possível conectarmos o processo físico da decomposição, e o espiritual da alma. Ambos o hinduísmo e o espiritismo descartam o corpo como uma casca perecível para a temporária habitação da alma imortal, porém, é interessante imaginar que talvez o corpo e a alma sejam algo unificado, e que ambos o ciclo da matéria orgânica e o ciclo da reencarnação possam estar entrelaçados, lembrando também as similaridades entre o ciclo de reencarnação e os ciclos biogeoquímicos.

### **3.0 EDVARD MUNCH E O MANIFESTO ST. CLOUD**

O artista Edvard Munch, famoso por sua coleção de pinturas “O grito”, sofreu muitas perdas durante sua vida. Munch perdeu sua mãe e irmã para tuberculose quando jovem, e por volta de 1890, também perdeu seu pai. Esta morte o deixou extremamente abalado, e depois deste falecimento, Munch passou boa parte de seu tempo em St.Cloud, um subúrbio parisiense. O artista escrevia constantemente, foi nesta época de profunda depressão e confusão, que ele escreveu o que seria futuramente chamado de *Manifesto de St.Cloud*.



As experiências relatadas no manifesto foram escritas após duas “revelações” ou “visões” que Munch sofreu neste local, estas visões foram intensas, em momentos de “transporte místico”. A primeira e principal visão relata a aceitação da morte como algo inescapável, tanto quanto ao renascimento de todos os corpos que se decompõem. Ela ocorreu enquanto Munch subia um morro ensolarado em St.Cloud, o inverno estava abrindo espaço para o verão, ele sentiu o cheiro de uma fogueira de folhas secas queimando, ouviu um galo grasnar na fazenda próxima, e ele viu os primeiros brotos nascendo na terra. Estes três detalhes do ocorrido, parecem aleatórios para qualquer outro, mas neste momento Munch percebeu esses como sendo imutáveis partes do ciclo da vida e das estações. O grasno do galo desaparecendo no ar, a fumaça do fogo se desfazendo até sumir, e os brotos aparentemente nascendo do nada; neste momento ele os percebeu como metamorfoses, cada uma dela continuando a existir, mesmo que fora da visão humana. (PRIDEAUX. 2007).

Nada deixa de existir – não existe exemplo disso na natureza... Existem uma massa inteira de coisas qual não podem ser explicadas racionalmente. Existem pensamentos recém-nascidos que ainda não encontraram forma. Quão tolo é negar a existência da alma. Pois, desde que a vida começou, ela não pode ser negada. É necessário que acreditemos na imortalidade, enquanto pode ser demonstrado que os átomos da vida ou que o espírito da vida precisa continuar existindo depois da morte do corpo. Mas do que ela existe? Esta característica de manter um corpo vivo, causando a matéria a mudar e se desenvolver, este espírito de vida?

Eu senti, como um deleite sensual, que eu deveria me tornar um com – me tornar esta terra, que é para sempre radiada pelo sol numa constante fermentação de vida, que vive – vive – e que irá crescer plantas do meu corpo decomposto – arvores e flores – e o sol vai as banhar, e eu existirei dentro delas – e nada nunca irá perecer – e isso é a eternidade. (MUNCH apud PRIDEAUX. 2007. Tradução nossa).

Esta foi uma epifania de incríveis proporções para Munch, do ciclo da vida, do ciclo da matéria, e da reencarnação que ele mesmo previa, de seu corpo nas plantas que se alimentariam dele. Neste manifesto o artista compreende seu destino, sua futura morte, e a imortalidade de seu corpo, que pela decomposição, alimentaria nova vida.

#### **4.0 TAXIDERMIA ROGUE E INFLUÊNCIAS ARTÍSTICAS**

A taxidermia, do grego taxi (dar forma) e dermis (pele), definem-se como a prática da preservação de peles, penas ou ossos de animais. O manequim (base

onde a pele é fixada) é montado de maneira a imitar fielmente o corpo do animal e normalmente este molde é composto de resina, madeira, gesso ou argila. Todos os órgãos internos, tecidos e músculos são removidos para a montagem da figura, e só a pele e ossos são mantidos. Espécimes de taxidermia são tipicamente utilizados como decoração interior, troféus de caça ou para estudo e exibição científica. Os primeiros e mais antigos exemplos de taxidermia são os animais de estimação mumificados pelos egípcios, junto aos seus donos nos sarcófagos (MARBURY, 2014, p. 6).

Apesar do movimento Rogue ser relativamente novo, práticas de taxidermia com cunho artístico não são inéditas. Entre o final do século dezenove e começo do século vinte, dadaístas, surrealistas e pós-modernistas como Joseph Cornell, Joan Miró, Merét Oppenheim e Robert Rauschenberg introduziram o uso de taxidermia e materiais relacionados à mesma dentro de suas obras, deixando assim uma porta aberta para que artistas contemporâneos continuassem a explorar este meio de produção. (MARBURY, 2014,p.8)

Object – Joan Miró (1936)



Fig.4 Fonte <https://www.moma.org> (2017)

Desde então, o impulso de criar trabalhos escultóricos provocativos e inesperados utilizando a taxidermia vem crescendo, portanto, logo se fez necessário a fundação, em 2004, da *Minnesota Association of Rogue Taxidermists* – Associação de taxidermistas rogue de Minnesota, para regularizar, educar e trazer responsabilidade ética a todos que têm interesse em se envolver com esta prática.

Em todas suas formas e estilos, a taxidermia pode ser considerada uma forma de narrativa escultórica. Em seu propósito tradicional, essa é uma narrativa arquetípica deste animal, mas no caso do movimento Rogue, o empalhamento é feito para representar uma narrativa subjetiva do que o artista pretende representar ou atingir.

Por exemplo, um urso que é empalhado tradicionalmente é feito para representar um urso. Mas quando Rod McRae monta um urso polar se balanceando no topo de uma geladeira, esse urso oferece um comentário na situação do aquecimento global. (MARBURY, 2014, p. 8. Tradução nossa).

*Crying Out Loud in the Age of Stupid* – Rod Mcrae (2010)



Fig.5 Fonte: <http://www.rodmcrae.com.au> (2017)

O movimento Rogue é definido por seus fundadores como um gênero de arte pop-surrealista, caracterizada por esculturas de técnicas mistas envolvendo materiais de taxidermia, utilizados de maneira não convencional. (MARBURY,2014)

Todavia, é possível fazer outra leitura deste termo. Na zoologia, *rogue* é uma palavra da língua inglesa utilizada para definir animais tipicamente sociais que se afastam de seus bandos, escolhendo uma vida solitária. Sendo assim, pode-se entender que o uso do termo *rogue* sirva para afirmar a vertente artística, ou seja, a prática da taxidermia voltada mais para a liberdade criativa do taxidermista e menos para o uso científico dessa prática. A Taxidermia *Rogue* tem objetivos bem mais contextuais e poéticos, na medida em que usa a taxidermia como técnica para fins artísticos e criativos.

Apesar da recente popularização da taxidermia nos EUA, e seu envolvimento no meio artístico, a mesma ainda se mantém como uma prática coberta de críticas e preconceitos. Boa parte, destas críticas é feita por grupos de defesa dos direitos dos animais, que têm como maior preocupação a matança desnecessária e caça de espécies em extinção.<sup>1</sup>

Todavia, a taxidermia *rogue* busca encontrar meios éticos de trabalhar neste meio, utilizando somente animais mortos por causas naturais, por atropelamentos ou até mesmo fazendo uso de peles consideradas imperfeitas, inutilizadas na taxidermia clássica. Nesse sentido, pode-se dizer que de modo algum os animais utilizados nas obras foram mortos em nome da arte. Pelo contrário, os artistas, da comunidade *rogue*, são em grande parte, amantes dos animais, pessoas fascinadas pela vida e pelas criaturas com as quais convivemos.

Uma das mais relevantes figuras do movimento *Rogue* é a artista e taxidermista profissional Katie Innamorato. A artista tem uma maneira única de trabalhar sua taxidermia conceitualmente; movida a uma vontade poética de dar vida nova às carcaças que usa, ela procura montar com cada obra uma homenagem ao animal morto.

---

<sup>1</sup> Sobre essa crítica, remeto o leitor ao artigo *Take down your taxidermy-it's a disgrace* de Philip Hoare, 2014.

Por usar itens reciclados, de animais atropelados ou peles danificadas e rejeitadas, eu estou respeitando o animal e dando vida nova a algo que seria jogado fora ou esquecido. Esse é o princípio em que eu acredito quando estou criando algo. Eu tenho uma paixão por dar valor e vida a criaturas com as quais a maioria das pessoas não se envolveria. (INNAMORATO, 2015. Tradução nossa).

Innamorato se autodenomina “Uma Anubis do mundo moderno”, comparando sua arte e profissão com o deus egípcio da morte e dos moribundos, Anubis era responsável por guiar os mortos na próxima vida, e é frequentemente associado com a mumificação, prática considerada a primeira forma de taxidermia.

Essa relação pode nos trazer fortes conexões com o objetivo e a poética da artista, pois, na maioria das vezes, Innamorato trabalha com carcaças parcialmente decompostas ou muito danificadas, as quais tornam a pele difícil e imprevisível de se trabalhar. A taxidermista repara a carne decomposta ou falhada com flores, musgo e diferentes tipos de plantas, buscando, desta maneira, representar o ciclo de vida e morte biológico de todas as coisas, e a decomposição como uma forma de renascimento poético, da transformação de um ser vivo, em outro.

Meu trabalho se foca muito na conexão cíclica entre vida e morte, crescimento e decomposição. Eu estive fascinada por decomposição por algum tempo. Eu também procuro relatar a ideia de lembrança e diferentes maneiras de criar homenagens a estes animais falecidos. Neste momento meu trabalho está se tornando mais parecido como uma história, numa narrativa mais fantasiosa que meus trabalhos passados. (INNAMORATO, 2014. Tradução nossa).

Nesse sentido, o trabalho poético de Katie Innamorato se configura, como uma referência importante ao trabalho poético da autora deste artigo, na medida em que a artista dialoga não somente com a decomposição de maneira direta, mas também apresenta o conceito como uma forma de renascimento para os animais utilizados (ver figs. 6, 7).

*Moss Fox* – Katie Innamorato (2014).



Fig.6 Fonte: <http://www.afterlifeanatomy.com>.

*Cannulated Deer Terrarium* – Katie Innamorato.



Fig.7 Fonte: <http://www.afterlifeanatomy.com>.

## 5.0 Produção poética

Para o propósito deste trabalho de conclusão de curso, foram realizadas três obras escultóricas envolvendo práticas tradicionais de taxidermia. Cada obra foi desenvolvida utilizando alguma forma de restos mortais animais, e seguindo as procedências éticas já discutidas, todos os animais envolvidos faleceram de causas naturais. Estas obras procuram apoiar e exemplificar a pesquisa conceitual aqui discutida.

### 5.1 NEKHBET

Nekhbet, a primeira obra a ser realizada, consiste de um urubu-de-cabeça-preta, empalhado sobre um crânio bovino. O urubu foi encontrado em janeiro de 2018, morto perto da QE 26 do guará 2. Não se sabe ao certo sua causa de morte, pois não foram encontrados ferimentos no corpo, mas teorizou-se ter consumido algo envenenado.

O crânio bovino foi retirado de um matadouro, pôde-se notar pelo buraco na parte central do crânio, que indicou morte por arma de ar comprimido, a forma mais comum de abate em fazendas.

O processo de taxidermização é relativamente simples, mas se torna mais longo dependendo do tamanho do animal. Este urubu era especialmente grande, com a abertura das asas tendo pouco mais de um metro de distância.

Assim que o animal foi encontrado, foi removido do local para o Hospital Veterinário da UNB, onde foi congelado para preservar o corpo e matar quaisquer parasitas ou pulgas presentes nas penas. O primeiro passo do processo de empalhamento, no caso de pássaros, é remover completamente a caixa torácica do animal, assim como seu pescoço. Depois de feito isto, se retira a carne interna das coxas e asas, e se extrai parcialmente o crânio, para remover a língua, os olhos e o cérebro do pássaro.

Tendo limpo completamente o animal, a parte interna é coberta de ácido bórico em pó, para desengordurar e desinfetar a carne. Depois de algum tempo com o ácido, a pele é lavada cuidadosamente com água e detergente, e então passa entre 20 a 30 minutos em uma câmara com serragem e amido de milho, que são utilizados para secar as penas do animal rapidamente e sem deformá-las.

A partir deste ponto a pele está finalizada e pronta para ser montada. Utilizando a caixa torácica previamente retirada, um molde do corpo é esculpido a partir de isopor. O pescoço e coxas são feitos a base de estopa e linha, e para posar o Urubu, fios de arame são passados por suas asas, pés e pescoço.

Molde torácico em isopor e arame para pescoço.



Fig.8 Fonte: Acervo da Artista.

Os olhos, feitos com domas de resina e tinta, são inseridos, e o molde de isopor é colocado dentro da pele, com os cinco fios de arame passando por dentro deste, assim que tudo é colocado em seu devido lugar, se pode começar a costurar a pele e finalizar a maior parte do processo. O que resta é posar o animal como desejado e deixar que seque por volta de um mês, após a secagem a taxidermia está finalizada.



Urubu montado para o processo de secagem.



Fig.9 Fonte: Acervo da artista.

*Nekhbet* – Ana Beatriz Felizatto (2018)



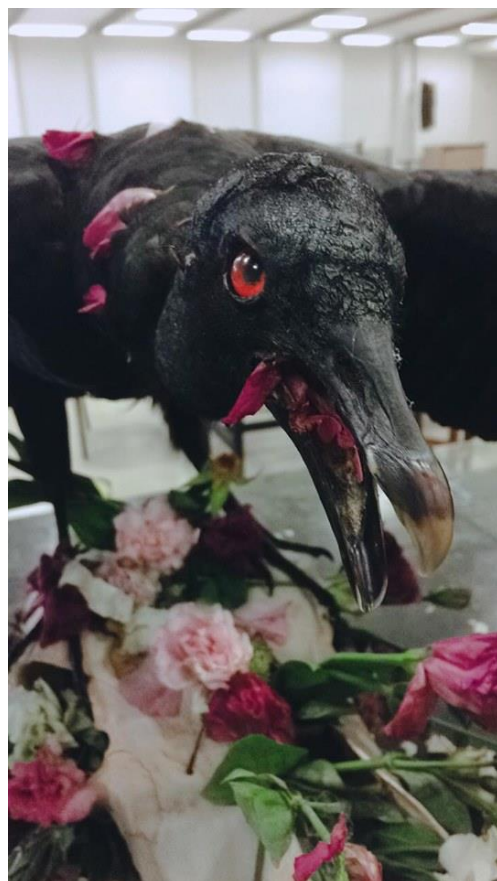


Fig.10,11,12,13,14 Fonte: acervo da artista.

Nekhbet, em sua forma expositiva, inclui não só o animal empalhado e o crânio bovino, como também flores de variadas espécies, que são montadas na obra frescas, mas apodrecem durante o período da exposição.

Este trabalho procura encenar um animal carniceiro se alimentando de algo morto. O urubu, em posição defensiva, está protegendo sua caça, que é representada pelo crânio. As flores são tal qual a carne do bovino, e estão crescendo de dentro para fora. Elas mostram a transformação que esta carne sofre após sua decomposição, se transformando em flores, plantas e alimento para outros animais.

Flores em conceitos populares são arquetipicamente bonitas, chamativas e de aroma agradável, elas contrastam com a imagem do urubu, que é relacionado diretamente com conceitos de morte, fetidez e nojo. As flores presentes na obra morrem e se decompõem durante o tempo de exibição, assim como a carne, e assim como qualquer material orgânico. Outro motivo para a escolha das plantas foi o de que flores morrem e apodrecem de maneira muito visual, e também de forma relativamente rápida, murchando, perdendo sua cor e seu cheiro, sua morte é perceptível.

A escolha do nome da obra foi baseada em Nekhbet, a deusa egípcia da maternidade e proteção. Nekhbet é chamada de “Mãe das Mães”, sendo representada como a deusa do parto e também das cerimônias funerárias. Nekhbet é mãe e guardiã dos vivos e dos mortos. (PINCH, 2004).

Esta deusa é representada por um urubu, que era considerado um grande símbolo de maternidade e do ciclo de vida, pois como carniceiros estes animais de alimentam de morte e criam vida (quando se reproduzem). Nekhbet exemplifica o processo de morte e renascimento, sendo ao mesmo tempo parteira e coveira, assim como o pássaro que a representa, que recebe morte e a transforma em vida.



## 6.0 OSSUÁRIO

*os·su·á·ri·o*  
(osso + -uário)  
substantivo masculino  
Casa ou lugar onde se guardam ossadas de defuntos.  
(Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013).

*ter·rá·ri·o*  
(terra + -ário)  
substantivo masculino  
1. Recipiente para terra, pedras, areia e materiais afins.  
2. Recinto para animais terrestres em cativeiro.

Ossuário, o segundo trabalho a ser realizado, consiste de um vaso de cerâmica com terra, musgo, duas espécies de plantas e o esqueleto incompleto de um gato doméstico. O gato foi encontrado na QE 32 do guará 2, em alto estado de decomposição. Por conta de o animal estar no local por alguns meses, não foi possível encontrar todos seus ossos. A maior parte do animal já estava decomposta, fazendo com que os ossos não precisassem de muita limpeza. Os ossos somente foram deixados em peróxido para seu clareamento.

O objetivo deste trabalho seria o de construir um terrário com a ossada do felino, por isso foi contratada a ajuda profissional de uma especialista em terrários e minijardins, Cida Rodrigues. A obra foi um esforço colaborativo, tendo em conta que seria indispensável um conhecimento profissional para montar um terrário funcional, com as plantas ideais para sobreviver às condições de uma galeria (pouca luz, baixa umidade, etc.).

A estética, posição dos elementos e do esqueleto foram decididos e arranjados pela autora, enquanto as terras, pedras e plantas foram escolhidas pela especialista, de modo a ter plantas compatíveis umas com as outras e que pudessem se manter vivas e saudáveis em um ambiente fechado e sem luz direta do sol.

## Montagem do Ossuário



Figuras.15,16 Fonte: Foto acervo da artista.

Ossuário – Ana Beatriz Felizatto (2019)



Fig. 17, 18, 19, 20 Fonte: acervo da artista.



A obra procura recriar, visualmente, o processo natural de decomposição e reaproveitamento da matéria física. O terrário representa o nascimento de plantas a partir dos nutrientes decompostos de uma carcaça, no caso o gato. As plantas e o musgo que crescem ao redor dos ossos estariam então sendo o veículo por qual o corpo do animal se transforma e renasce, sendo agora vivo em outro organismo.

O título deste trabalho representa não só seu significado clássico (como um local onde se mantém ossos), além de fazer uma junção dos termos, “ossos” e “terrário”. O ossuário propõe ainda, uma nova maneira de enterro natural, não só para animais como para humanos, qual seria uma maneira de imortalizar a vida perdida por meio da vegetação plantada sobre o corpo.

## 7.0 BERÇO

Este trabalho não possui fotos de processo, pois foi montado imediatamente na galeria. Berço é composto de múltiplos galhos de árvores, montados cuidadosamente em equilíbrio, de modo a formar um formato circular onde um ninho descansa. O ninho é feito de gravetos, grama seca, ossos de aves (galinhas, pato e coruja) e quatro crânios de galinha. Além disto, dentro deste ninho, encontram-se quatro ovos de codorna.

Berço – Ana Beatriz Felizatto (2019)





Fig.21,22 Fonte: acervo da artista

Com esse trabalho, busco demonstrar que toda forma de vida depende da morte para existir. Ovos remetem ao nascimento de uma vida, contudo, toda nova vida depende de milhares de mortes para vir a existir. Estas mortes são tanto do ponto de vista evolucionário (com seus antepassados) quanto do ponto de vista de sobrevivência, com os seres vivos que alimentaram seus pais e lhes deram os nutrientes que possibilitaram sua existência.

A obra mostra quatro cabeças, e quatro ovos. Procuro, por meio disto, implicar a troca de cada morte por uma vida, a transferência da matéria e seu renascimento. Penso, por exemplo, que os progenitores destes ovos se alimentaram destes outros pássaros, em um tipo de antropofagia animal, transferindo estes corpos e seus nutrientes para seus filhos, transformando e reformando esta forma de vida em outra.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece curioso (e coincidente) que os processos observados cientificamente do ciclo de decomposição da matéria sejam tão similares a certos conceitos religiosos. Especialmente ao considerar quão antigos são estes textos religiosos e quão recentes são estas pesquisas científicas. Por conta dessas coincidências e semelhanças, neste artigo procurou-se comparar todos estes fatores, de forma a estabelecer um pensamento de que todos estes processos, religiosos e científicos, possam ter uma conexão implícita comum.

O corpo passa por uma reciclagem, durante seu processo de decomposição, que o divide em suas formas mais básicas, e o devolve ao meio para ser reaproveitado por outro organismo vivo. Se a alma de fato existe (ao menos no conceito religioso), e esta também se transporta entre os corpos, poderia ser possível que a alma fragmentada, mesmo que em suas formas mais básicas, também se transportasse junto destes componentes físicos? Se sim, deste ponto de vista, a imortalidade não é só possível, mas também é um processo absolutamente necessário para um meio sustentável. Desta forma, é possível, que as partes mínimas de nossos corpos existam múltiplas vezes, em vidas passadas, e em vidas futuras; como diferentes organismos. Nunca realmente desaparecendo, somente se transformando.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"antropofagia", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], "antropofagia", in 2008-2013, Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/antropofagia>> Acesso em: 24 jun. 2018.

"ossuário", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/ossu%C3%A1rio>> Acesso em 12 Jun. 2019.

"terrário", in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/terr%C3%A1rio>> Acesso em: 12 Jun. 2019.

\_\_\_\_\_. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

AGNOLIN, Adone, *Antropofagia ritual e identidade cultural entre os Tupinambá*. Rev. Antropol. vol.45 no.1 São Paulo 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012002000100005#nt01](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100005#nt01)> Acesso em: 24 jun.2018.

CARRAJOLA, Cristina et al, "*Ciências Naturais 8*", Santillana, Carnaxide, 2014

CAVALCANTE, Paulo; GNERRE, Maria Lucia. *Transmigração da alma e reencarnação: uma análise comparativa entre o hinduísmo e o espiritismo*. Diversidade Religiosa, v. 1, n.1, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/dr/article/view/18155/10345>> Acesso em: 25 jun.2018.

CAWS, Mary Ann. *Manifesto: A Century of Isms*. EUA. University of Nebraska Press, 2000.

FOER, Joshua. *Going Rogue*. University Of Virginia. Virginia, EUA. 6 jan. 2015. Disponível em <<https://www.vqronline.org/interviews-articles/2015/01/amateur-hour-going-rogue>> Acesso em: 26 jun. 2018

HOARE, Philip. *Take down your taxidermy-it's a disgrace*. Jornal The guardian. Opinion. S.l: 6 ago. 2015. Disponível em <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2015/aug/06/taxidermy-revulsion-cecil-the-lion>> Acesso em: 15 nov. 2017.

KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. Trad. Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2002. LEIGH, Shannon. *The Significance of Vultures on Egyptian Headdresses*. Nova York. Disponível em: <[classroom.synonym.com](http://classroom.synonym.com), <<https://classroom.synonym.com/significance-vultures-egyptian-headdresses-5610.html>> Acesso em: 2 Jul. 2019.

LOPES, Sônia; ROSSO, Sergio. *Biologia* – Volume Único. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

MARBURY, Robert. *Taxidermy Art: A rogues guide to the work, the culture, and how to do it yourself*. EUA: Artisian, 2014.

PINCH, Geraldine. *Egyptian Mythology: A Guide to the Gods, Goddesses, and Traditions of Ancient Egypt*. Oxford, Reino Unido. Oxford University Press, 2004.

PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. *O Bhagavad-gita Como Ele É*. São Paulo: The Bhaktivedanta Book Trust, 2011.

PRIDEAUX, Sue. *Edvard Munch-Behind the scream*. EUA: YALE UNIVERSITY PRES, 2007.

ROSA, Rogério da Silva et al. *Importância da compreensão dos ciclos biogeoquímicos para o desenvolvimento sustentável*. 56f. 2003. Monografia.

Universidade de São Paulo. Disponível em:

<<http://www.iqsc.usp.br/iqsc/servidores/docentes/pessoal/mrezende/arquivos/EDUC-AMB-Ciclos-Biogeoquimicos.pdf>> Acesso em: 15 jun. 2018.

SARGEANT, Winthrop. *The Bagavad Gita*. Nova York: Excelsior Editions, 2009.

SZKLAROWSKY, Leon. *Vida após a morte*. Usina de Letras. Brasília 2003.

Disponível em:

<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=3985&cat=Ensaios&vinda=S>> Acesso em: 25 de jun. 2018.

VOON, Claire. *Women are dominating the rogue taxidermy scene*. VICE Media. S.l: 14 out. 2014. Disponível em < [https://www.vice.com/en\\_us/article/4w75jj/women-are-dominating-the-rogue-taxidermy-scene-666](https://www.vice.com/en_us/article/4w75jj/women-are-dominating-the-rogue-taxidermy-scene-666)> Acesso em: 26 jun. 2018